



Histórias de vida e o Vera

Arte na cidade
e no campo



Suzanne Goulart Mattos Mazzamati (Suca)

Assessora de Artes (EF nível 2)



A série *Histórias de vida e o Vera* é uma homenagem de nossa Escola a alguns dos tantos profissionais que dedicaram uma boa e louvável parcela de suas trajetórias ao compromisso da educação integral de seus alunos, dia a dia formando cidadãos capazes de transformar o mundo.

São esses inesquecíveis profissionais que, ao lado de colegas das equipes pedagógica e administrativa, alunos e familiares, construíram uma comunidade da qual podemos nos orgulhar nestas seis décadas de tantas vidas da Escola Vera Cruz.

Escola Vera Cruz

Direção Geral: **Heitor Fecarotta**

Direção de Gestão: **Marcelo Chulam**

Direção Pedagógica: **Regina Scarpa**

Histórias de Vida e o Vera

Coordenação, entrevistas e edição de textos:

Claudia Cavalcanti (Casa Vera Cruz)

Projeto gráfico: **Kiki Millan (Casa Vera Cruz)**

Revisão: **Iara Arakaki (Casa Vera Cruz)**

Pesquisa de imagens/Acervo Vera Cruz:

Alexandre Leite (Biblioteca Geral)

Apoio: **Araceli de Carvalho (Casa Vera Cruz)**

e **equipe de Recursos Humanos**



Coordenação da produção documental:

Suzana Lopes Salgado Ribeiro (Fala Escrita)

Transcritoras: **Ana Claudia Moreira Rodrigues, Luciana Gomes de Oliveira, Marcela Boni e Suzana Lopes Salgado Ribeiro**

Captação de vídeo: **André Nascimento e Luís Guilherme Lima**

Roteiro e edição de vídeos: **Fernando Brook, Iokisa Takau Junior e Suzana Lopes Salgado Ribeiro**

Suca começou a trabalhar no Vera em 1977.
Ela se despediu da Escola em 2016.

A captação em vídeo e áudio de todos os depoimentos foi feita na Unidade Vila Ipojuca da Escola Vera Cruz, em abril e maio de 2023.

O começo das décadas

Quem me indicou para ir para o Vera foi minha irmã, Simone, que deu aula no Vera durante 12 anos. Ela deve ter falado "Tem minha irmã, a Suca", enfim, aí, eu já entrei aqui como Suca.

Me formei em 1976, na FAAP, em artes plásticas. Antes do Vera, dei aula numa escola religiosa, durante a faculdade, e fui monitora na FAAP também. E dava aula para três crianças também em casa, ajudava na lição, essas coisas.

Foi uma época maravilhosa, porque era em 1977, quando no mundo as coisas eram "experimentar", e o Vera era experimental, então, você tinha muita liberdade de fazer as coisas. Eu tinha dado aula numa escola religiosa, de freira, e lá no Vera podia mesmo inventar. Tinha orientação da Quinha [Maria Luiza Nazarian Rezende], mas era uma época de muita experimentação mesmo, o que era delicioso para quem vem das artes, era "mel na sopa", como se diz (risos). E a equipe era muito inventiva, a gente fazia teatro para as crianças, se fantasiava, era um grupo muito animado. Criou-se uma amizade ali. Sou amiga das pessoas desde aquela época.

Como eu estava como professora de classe e minha área era Artes, teve uma vaga no Verão para especialista na oficina.

Então, fui para o Verão, em 1982, se não me engano. Em 1984, a Lucília [Bechara, fundadora] me convidou para ser assessora. Não sei se estou errando as datas... Fiquei dando aula e sendo assessora do grupo. Éramos Laura [Barboza], Celina [Gusmão, professora de Artes] e eu.

Diminuí um pouco as aulas porque estava puxado para mim, então dividia a turma. Depois, fiquei só com a assessoria. Aí, Celina saiu, Laura saiu, chegou a nova turma, e eu lá (risos).

Na volta, novas experiências

Trabalhei uns oito a nove anos no Verinha, depois como especialista, tinha casado, tive dois filhos, parei por oito meses. Quando voltei, voltei para o Verinha para ser professora de classe, nunca tinha sido. E o Heitor: “Vai, lá! Vai lá!” (risos), dando a maior força. Então, alfabetizei, uma experiência incrível também. Era uma classe do Pré, e toda minha bagagem de Artes pude misturar com o que eles me ensinavam na Escola, como era alfabetizar, já que eu nunca tinha feito isso. Foi um casamento bom, com resultados. Me lembro também que nessa época tinha a “hora da casinha”, uma vez por semana, aí, eu cozinhava. A gente fazia salada, um monte de coisas. Foi uma época, como professora, muito legal!

No Vera, sempre pude passear por muitas experiências, muitos tipos diferentes de trabalho. Fiz ilustração de livros didáticos, professora de classe, auxiliar quando voltei, depois peguei classe, fui assessora, enfim! Foi um lugar em que pude me desenvolver mesmo como profissão, como pessoa. É emocionante falar!

Fiz ilustração de material didático para os pequenos, e também uns jogos com madeira. Nessa época, eu trabalhava no Verinha e, depois, quando mudei para os anos iniciais do Fundamental, fazia para as apostilas, mais para a área de Ciências. Eu e Celina.

Formação e prática ao mesmo tempo

Entendo que o Vera é um lugar de formação, porque sempre teve uma preocupação, era o pensamento da Escola, de a gente construir junta a Escola. Isso era muito evidente, essa construção pulsava! Nesse sentido, me sinto formada pelo Vera, e era mesmo. A gente estudava, tinha texto para ler ou buscava por si, e sempre havia convidados para dar palestras. Ainda mais porque fiquei tanto tempo, foi uma formação contínua. Porque você tinha a discussão, a reflexão e, ao mesmo tempo, a prática para poder vivenciar aquilo que escutou, refletiu, trocou. Defino como um período de formação contínua.

Estudar para elaborar

Quando saí do Vera, fui fazer o mestrado. Estava com 60 anos, falei: “Vou fazer o mestrado e contar essa história de 30 anos em Artes”, que é essa experiência dentro do Vera Cruz, que vivi e fui coautora. E o que eu vejo de diferença — e acredito nesse jeito de trabalhar — era a questão das opções e do tempo elástico que os meninos têm para criar. Acho que isso é uma coisa que, na maioria das escolas, é sempre limitado por algo externo, inclusive o tempo de criação. No Vera, a criança podia começar um trabalho e terminar depois de dois meses. Ela tinha um processo de elaboração, de criação, de tempo para repensar, até chegar no produto final. Então, até isso era confundido como uma coisa meio *laissez-faire*, de poder fazer o que se quisesse. Mas não era isso! Era realmente a intenção de um tempo estendido, que o menino podia se conhecer nesse tempo, dentro de um contexto em que normalmente tudo é cobrado. Aula de natação, tudo aquilo. Ali, não. Acho que essa era a diferença.

O Vera e sua estética

Uma coisa que é comum, vamos dizer, para o lado bom: nunca houve um “não gostar de ir para a escola”, tanto dos meus filhos como dos meus netos. Então, esse prazer de ir para a escola é

um dado muito importante. Outra coisa que acompanho e que acho que continua é a coisa dos grupos, que sempre achei o máximo no Vera, tanto para os adultos como para os alunos: saber estar em grupo. Vejo tantos nos filhos como nos netos. Nos filhos, de como eles trabalham nos lugares e em grupo. Isso é muito bom!

Uma coisa que seja, não uma crítica, mas mais uma circunstância, e eu nem sei como poderia ser diferente, mas é que, de ser tão bom, se cria uma bolha. Não sei se [os alunos] são muito protegidos, não sei o que é. Mas acho que isso acontece, o conhecimento do que está em volta, apesar de estudarem, lerem textos políticos, enfim, acho que existe uma distância. Não que é elitizado, mas é uma elite que está ali, não é? Mesmo os professores, eles acabam virando uma elite. “Você veio do Vera? Ah!”. Tem uma aura que é importante, mas o que isso representa em Lagoinha, onde eu moro? É uma realidade que você fala... Não é que é ruim, mas é muito, muito diferente!

Primeiro, a questão social. Lá, por exemplo, você tem meninos de diferentes escolas públicas, mas só tem duas, então todo mundo tem que estudar naquela escola, ou seja, se junta quem tem grana, quem não tem, o pai que estudou, quem é só agricultor, enfim, lá você tem uma diversidade maior de pessoas, de modos de vida. Dentro do Vera, acaba sendo tudo muito pare-

cido. Acho que tinha que ter mais entrelaçamento, mas não sei como (risos). E também esteticamente.

Você cria uma “estética Vera Cruz”, e como essa estética vai conhecer uma estética “não Vera Cruz”? Como essas coisas se conhecem? Dou exemplos dessa minha nova experiência: estou lá numa cidade que é muito, muito caipira! Então, é um gosto caipira, que é uma estética que nem sempre você gosta. Não é gostar ou não gostar, mas como você compreende essas outras estéticas? Acho que é isso.

Ex-alunos, filhos, netos

Tenho contato com muitos ex-alunos! Inclusive, ex-alunos que vão ter aula comigo lá em Lagoinha. Enfim, com muitos ex-alunos eu tenho contato, tanto por rede social, mas também por outros meios. É sempre uma alegria de ver, porque mesmo que não estejam com sucesso profissional, são pessoas muito do bem, com uma formação, pessoas com um bom coração — eu valorizo isso. Têm lá seus problemas, igual a todo mundo, mas são pessoas que querem fazer alguma diferença no mundo, no sentido social, sempre com o pensamento de levar em conta o outro. Acho que isso também é uma característica que vem do Vera.

Vejo o Vera mais nos filhos. Nos netos reconheço também, porque eles estão mais ou menos na faixa etária que eu dava aula, então já sei como é (risos). Mas reconheço, sim. Nos filhos, de saberem trabalhar com os outros, de escutar os outros. Acho que também tem minha mãozinha, mas eles ainda são muito amigos do grupo que eles tinham no Vera, então eles se apoiam, mesmo profissionalmente. Vejo isso bem forte, e acho que está ligado com o fazer e construir juntos. A estética do Vera também rola... (risos). Acho que sou mais hippie que o Vera. Eles são mais a “estética Vera”.

Planejar a mudança de vida

Os últimos anos do Vera foram mais difíceis para mim. Eu sempre me senti muito livre no Vera, o que era prazeroso. Nos últimos anos, talvez por conta do tipo de coordenação, nova e diferente, não me senti tão pertencente, senti uma cobrança. Aí, com quase 60, falei “Se tem isso, preciso pensar sobre isso”, e, aí, quis fazer o mestrado, pensar sobre essas críticas, profundamente. Foi superimportante ter feito isso junto com o trabalho, não uma coisa separada, porque ali eu também pude transformar algumas coisas que ainda deveriam ser transformadas, mesmo no sentido da prática com os professores,

como assessora, para aprofundamento. Foi uma coisa importante ter vivido isso nos anos finais do meu trabalho. E foi muito planejado.

Construí uma casa para morar em Lagoinha. Eu pensava se eu saísse do Vera, mais a aposentadoria, não seria suficiente, era uma questão financeira. Não conseguiria bancar a casa de Cotia, ia ser uma vida de má qualidade, e quis me aventurar. Aí, a gente construiu uma casa na cidade e, enquanto isso, fiz o mestrado, já me preparando para sair. Um ano antes de sair, comecei a construir meu ateliê, um ateliê rural de arte e agroecologia — também queria mexer com agricultura e com toda essa questão ecológica. Aí, falei: "Agora posso ir!". Então, foi bem planejado, levou uns cinco anos ou mais, talvez. Até construir uma casa, fazer o mestrado e poder ir. E estou lá há seis anos.

Crescendo como as árvores

Fiquei cinco anos dando aula de cerâmica — sou ceramista também. Já formei três ceramistas que estão produzindo e vendendo. Além disso, a gente transformou um pasto de 30 anos, só com cupim, em uma agrofloresta, com ajuda de minha filha geógrafa, e já estamos colhendo frutos. A gente tem bastante alimento. E a paisagem está completamente transformada, com árvores de 20 metros! É impressionante como vai rápido!

É muito impressionante essa força! Além disso, comecei a participar do Plano Diretor da cidade, fizemos feirinha de produtos agroecológicos e, com tanta participação na cidade, acabaram me convidando para ser a secretária municipal da Educação. Comecei este ano.

Você tem que gerenciar toda a educação numa cidade. São duas escolas municipais, o transporte e a merenda dessa população. Mas eu, como sou mais educadora que administradora, estou fazendo formação direta com os professores dentro das escolas, toda essa parte de diagnosticar o que está falho, o que não está, para melhorar a qualidade do ensino. Estou fazendo um plano municipal de educação inclusiva, escrevendo tudo para virar uma política pública, porque senão passa o governo e isso não vinga. Estou aprendendo, mas estou fazendo. E trabalhando leitura e escrita, porque a alfabetização e a leitura e escrita têm questões, de interpretar texto e tal; então, são dois pontos urgentes. Estou lá há três meses, aí, depois, eu vou para as artes, que também é cuidar. O trabalho é esse.

Acho que o Vera vai fazer uns 200 anos! É um trabalho muito incrível! Tem que continuar mesmo, 60 é pouco, é jovem (risos), eu já tenho 70! Desses 70, ter vivido 40 com muito aprendizado, é só agradecimento o que tenho pelo Vera e pelas pessoas com quem eu convivi.



Uma realização da Escola Vera Cruz | 2023

